

O arco-íris de senectus na América Latina: configurações da velhice LGBT na literatura brasileira contemporânea /

The Rainbow of Senectus in Latin America: Configurations of LGBT Old Aged in Contemporary Brazilian Literature

*Antonio de Pádua Dias da Silva**

Professor de Literatura e de Teoria e Crítica Literárias da Universidade Estadual da Paraíba. Doutor em Letras pela UFAL (2001), com estágio de pós-doutorado na UFRJ (2007) e na UFG (2025). Atua no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB, orientando pesquisas de mestrado e de doutorado. Tem vários livros publicados, área de ficção e de crítica de gênero.

 <https://orcid.org/0000-0002-6241-4466>

*Helder de Araújo Holanda***

Professor de Literatura Portuguesa, Teoria Literária e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutor em Literatura e Interculturalidade pela UEPB (2025). Atua como professor.

 <https://orcid.org/0009-0003-9810-7489>

Recebido em 18 mar. 2026. **Aprovado** em: 29 jul. 2026.

Como citar este artigo:

SILVA, Antonio de Pádua Dias da; HOLANDA, Helder de Araújo. O arco-íris de senectus na América Latina: configurações da velhice LGBT na literatura brasileira contemporânea. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 15, n. 2, e7448, set. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.22435893.

RESUMO

No contexto das literaturas latino-americanas, a brasileira contemporânea é uma das que também tem colocado em pauta a diversidade de gênero e subjetividade LGBT, a exemplo de personagens lésbicas, gays, travestis, transgênero e outras. Ao investigar a velhice, no recorte dado entre 1975 e 2022, vê-se que as escrituras literárias não mantêm um padrão de configuração estética de personagens dissidentes sexuais, de modo que as lésbicas são abordadas de maneira não aprofundada e sofrendo sérias restrições de uma dicção referente ao corpo, às práticas de sexo, desejo e afeto; diferentemente das configurações gays, travestis e transgênero, em que o corpo velho é discutido sem o tratamento sabotador ou diminuidor, sobretudo nas representações homoeróticas. A discussão é centrada num recorte de nove contos, dentro do período temporal dado, como modo de catalisar a discussão

*

 docpadua@servidor.uepb.edu.br

**

 helder.araujo@uece.br

entabulada. Isso não significa dizer que o artigo analisa todo o corpo do tempo citado. Toma-se como categorias analíticas desse recorte literário personagem LGBT, velho e experiência erótica. O debate se centra unicamente no gênero conto. Fazem parte do campo teórico, sobre velhice, Secco (1994), Benedetti (2005), Goldfarb (1998) e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; Velhice LGBT; Corpo Erotizado; Práticas de sexo.

ABSTRACT

In the broader context of Latin American literatures, contemporary Brazilian literature has also foregrounded gender diversity and LGBT subjectivities, portraying lesbian, gay, transvestite, transgender, and other characters. In works published between 1975 and 2022, representations of old age show that literary texts do not follow a single aesthetic pattern when depicting sexually dissident characters. Lesbian characters, for example, are often portrayed superficially, with limited attention to their bodies, sex practices, desires, and affections, unlike gays, transvestites, and transgenders' settings, whose old bodies are discussed with no sabotaging or diminishing treatment, especially in homoerotic representations. The discussion centers around a selection of nine short stories, within the given time of period, as a way of catalyzing the discussion that has taken place. This does not mean to say that the article analyzes the total number of short stories. The analytical categories of this literary cut are LGBT characters, old men, and erotic experiences. The debate focuses solely on the short story genre. Secco (1994), Benedetti (2005), Goldfarb (1998), and others are part of the theoretical field of old age.

KEYWORDS: Brazilian Literature; LGBT Old Age; Eroticized Body; Sex Practices.

1 Introdução

Há décadas que sites, artigos, teses e redes sociais diversas têm apontado não apenas uma ascensão da literatura latino-americana, mas, e também, uma procura pelas escrituras gestadas nos contextos geopolíticos e econômicos tanto dos povos ancestrais (indígenas de diversos países da região) quanto de culturas colonizadas pelas antes potências espanhola (Argentina, Bolívia, Uruguai, México, dentre outros), portuguesa (Brasil), francesa (Guiana Francesa). As escritas dessa parte do continente sobressaem nos diversos gêneros literários, bem como se constrói em uma perspectiva de reflexão do papel da literatura nos caros debates sobre identidade local e suas relações com o global, crises de sujeitos, resistências de populações minorizadas. A literatura brasileira contemporânea, extensão dessa base, tem se destacado também na produção contínua de como os personagens atuam nos enredos literários para entabular aprofundamentos quanto a questões de ordem social, de gênero, de sujeitos deslocados culturalmente, sem acesso a bens de consumo e a produtos culturais, e como as classes hegemônicas são abordadas nos textos em suas relações com os estratos sociais de menor prestígio social.

Nosso objetivo, neste artigo, não é debater a literatura latino-americana de maneira geral, mas centrar a reflexão em contos da literatura brasileira contemporânea dos últimos cinquenta anos, com recorte compreendendo narrativas contísticas de 1975 até 2022 – como o

artigo resulta de um tópico de uma tese de doutoramento (Holanda, 2025), o tempo compreendido já anunciado refere-se ao momento de produção mais padronizado em relação aos contos de temática com a qual trabalhamos. O critério de seleção deles se deu a partir da busca genérica por títulos que apontassem para o tema do artigo. Buscou-se no *google*, com palavras-chave como velhice gay, lésbica, LGBT, homoerótica, até construir-se um quadro representativo. Depois de lidos, selecionamos os que mais tornavam explícitas as questões postas por nós. Alguns dos selecionados, ainda assim, são escritos numa direção não objetiva quanto ao tratamento dado às velhices LGBTs. A questão da autoria é desconsiderada na discussão, diante do foco de interesse: corpo e desejo, ou a experiência erótica da personagem LGBT velha ou em processo de envelhecimento. Partimos da hipótese de que em tempos de políticas públicas sobre a melhor idade – maior idade, maturidade, velhice ou outro termo politicamente correto – há uma tendência dos diversos produtos culturais em fomentar discussões sobre as demandas dessa população. A literatura como uma experiência de escrita que se reporta a aspectos de natureza ética e estética não deixaria de fomentar essa importante questão nos dias atuais.

A problemática da reflexão, ao considerar o objetivo e a hipótese de interpretação dos textos a serem considerados, se dá no momento em que a leitura crítica dos contos não proporciona expectativas afirmativas de maneira igualitária na configuração estética de personagens gays, lésbicas, travestis e trans. A partir dessa confirmação, trabalhamos com a tese de que a representação da velhice LGBT erótica em contos da literatura brasileira contemporânea parece ainda se manter dentro de um padrão em que os personagens gays se movem melhor na dinâmica social e cultural dos mundos representados, em relação às personagens lésbicas.

Não é nossa intenção classificar ou determinar terminologia para cada corpo em sua experiência com o erótico, mas tão somente percorrer o caminho delimitado da construção do *arco-íris de senectus* em que a diversidade de cores e de sujeitos encontra lugar nos modos de escritas e de representações contemporâneas, favorecendo um debate mais caloroso e urgente sobre as velhices brasileiras de personagens sexualmente dissidentes do modelo heteronormativo.

2 Aspectos da velhice em contextos diversos

Discutir conceitos e aspectos da senescência pode levar a pessoa que estuda a uma temporalidade distante da atualidade, porque historicamente cada cultura estabeleceu o conceito de velhice em razão da funcionalidade do sujeito na dinâmica social em que se encontrava. Na Grécia Antiga, com a instauração da gerontocracia (Secco, 1994), a pessoa velha era interpretada numa perspectiva privilegiada, porque o ancião detinha consigo uma experiência e sabedoria capaz de guiar os mais jovens ao destino da polis. Este mesmo conceito atravessa a Roma Antiga, sobretudo quando da formação das Gerúsias, politicamente falando. Mas é no período medieval (Ariès, 1981) que o velho encontra a sua derrocada no corpo social, sobretudo, a partir da rígida moral cristã católica que especulava valores da pessoa velha. A Renascença, então, é que parece determinar o culto à beleza juvenil e introduz de forma sistemática o padrão de beleza e de feiura, sendo aquele vinculado diretamente à pessoa jovem, pela harmonia dos contornos, vivacidade e frescura do corpo, enquanto este fora interpretado com certo rigor de rejeição e repugnância (Secco, 1994; Eco, 2004; 2007). Observe-se que sempre quando o assunto é abordado pelos historiadores, a questão sexual parece ser permissível unicamente no período da frescura do corpo, da juventude, como se o corpo velho estivesse fadado à penúria do desejo, à neutralização dos sentimentos e à inutilidade do sexo.

A partir do Século XIX, especificamente com a ascensão da classe burguesa e da Revolução Industrial (Secco, 1994), a pessoa velha passa ser revisitada no conceito cronológico e gerontológico, porque o contínuo processo de expansão das indústrias exigia mão de obra constante capaz de atender às demandas oriundas das sociedades consumidoras. Velho, então, passa a ser a pessoa incapaz de produzir, de trabalhar, de contribuir, mesmo de maneira explorada, para o sucesso da sociedade representado pelas classes donas das máquinas de poder (Peixoto, 1998).

No Brasil, o vocábulo velho ficou impregnado de conotação pejorativa por muito tempo, mas tem-se no final da década de 1960 a inserção gradativa de outras terminologias como *idoso* e *terceira idade* em documentos oficiais ou nos estudos sobre o tema. Embora o termo idoso fizesse parte do léxico português, era pouco usado. Essas informações favorece a construção de questionamentos sobre o como definir a velhice e o ser velho, porque ainda há debates e estudos que apontam para o equacionamento de parâmetros para tabular a entrada do sujeito na velhice. Os critérios formadores do parâmetro são diversos: dados biológicos ou psicológicos podem ser considerados. Goldfarb (1998, p. 9) enuncia que, “apesar de existirem sinais e

indícios, mais ou menos universais, em cada cultura, sobre a velhice, nem individualmente, nem em conjunto, eles dão conta de uma definição categorizante”, pois a periodização da vida em suas diversas fases é permeada por processos culturais e sociais elaborados de formas diferentes em cada sociedade para caracterizar essa fase.

O processo de amadurecimento, na cultura brasileira e, conforme os textos históricos e teóricos sobre o assunto, nas demais culturas latinas também, com rara exceção, se inicia aos cinquenta anos. Este período geralmente é considerado crítico quanto à análise e reflexão sobre a pessoa, o corpo, os limites físicos, o aparecimento de problemas relacionados ao desgaste corporal: visão, audição, locomoção, equilíbrio, memória, articulação, dentre outros. Não que as limitações coordenadas por cargas genéticas, cronológicas e físicas seja um fator que surja de maneira equalizada para todos. Mas é a partir de um momento que o corpo exige mais cuidado. E é precisamente nesse período que buscamos entender como escritoras e escritores abordaram as velhices LGBTs em contos da literatura nacional contemporânea.

3 Personagens lésbicas e seus disfarces para uma existência invisível

Apesar de termos ciência de que o estudo do corpo velho LGBT e sua relação com a experiência erótica não passa de uma visão genérica sobre este aspecto, devido ao fato de nos centrarmos em textos escolhidos (recorte) de um todo impossível de ser contabilizado, apostamos na defesa de uma tese que sustente a interpretação e que se espraie sobre os textos não consultados, porque a experiência leitora nos faz afirmar que dificilmente textos contemporâneos fora do recorte dado tenham abordado uma configuração de modo tão divergente da que apresentamos. Nossa discussão se centra em quatro contos brasileiros, a saber, “Encanto” (Mesquita, 1998); “Marília acorda” (Polesso, 2015), “Isaltina Campo Belo” (Evaristo, 2020) e “Domingas e a cunhada” (Silva, 2010). O número de textos diz respeito àqueles que melhor configuraram o corpo lésbico velho em suas relações de afeto, dentre os lidos. Mas não se trata de uma configuração linear; apenas representativa da maioria dos contos lidos, com raras ocorrências de outros que pudessem diferir da tese aqui defendida.

Fátima Mesquita é mineira de Belo Horizonte. Publicou em 1998 a coletânea de contos *Julieta e Julieta*, considerada uma das primeiras obras de temática lésbica com uma abordagem mais positiva dessa subjetividade. Em “Encanto” (1998) tem-se um conto narrado em primeira

pessoa, no qual vislumbra-se a narradora-personagem, inominada e viúva de cinquenta e nove anos, advinda de um relacionamento heterossexual no qual gerou três filhos. O conto rememora o início e desenvolvimento do relacionamento lésbico dessa protagonista com Augusta, uma mulher dez anos mais nova. Um dos trechos que nos chama a atenção, por ser o que reproduz um modelo de mulher lésbica ao longo do conto, é o que se lê em seguida:

A campainha explode a minha cabeça. É ela. Meio-dia e pouco. Acabei de tomar banho e tenho um perfume suado grudado em mim para despistar a vontade de abraçar essa estranha [...] Para que eu deixe de ter que esconder a minha tristeza e abandono, pintando de ruge e batom o meu rosto [...] a assexuada espécie de mulher em que me converti sem esforço [...] Abro a porta e dou de cara com a cara dela. E o sorriso escancarado me beija a bochecha (Mesquita, 1998, p. 22).

Vê-se no excerto que inicialmente a protagonista revela um lado bastante passivo e recatado da mulher madura que vive a sua subjetividade lésbica, quando de um encontro dela com Augusta, com quem mantém um relacionamento. Pintar o rosto de batom e ruge, conforme afirma, soa como uma tática figurativa para “esconder a tristeza e o abandono”. Neste sentido, a voz que narra a personagem lésbica velha deixa evidente no discurso do texto que a protagonista vive uma experiência não reativa do corpo velho ou maduro, se sentindo “assexuada”. Veja-se que há uma espécie de reprodução discursiva no sentido de manter uma prática corporal para pessoas maduras e velhas: distante do erotismo, dos desejos, da atividade como possibilidade de manter uma qualidade de vida em todos os aspectos possíveis. Trata-se de uma construção repetida, performada, como diria Rich (2010), que atinge a todos e deixa nos escombros sociais as mulheres lésbicas, como se não existissem. Isso revela o que Pinto-Balley (1999) já afirmara, considerando as visões sobre essas mulheres: “A causa para o não reconhecimento, ou desconhecimento, da presença do sujeito e do desejo lesbianos em obras latino-americanas, jaz na mesma atitude ideológica que faz com que a mulher lésbica se torne invisível aos olhos da sociedade” (Balley, 1999, p. 405).

À medida que o enredo se desenvolve, a protagonista tem a possibilidade de mudar de comportamento, porque vai se construindo também de outro modo. Se inicialmente esteve como “a assexuada espécie de mulher em que me converti sem esforço”, ao longo do conto o processo de construção de si tem sua rota alterada para poder negar o ideal social apontado pelos estudiosos do assunto, o de mulher lésbica socialmente assexuada, apática, inativa, em processo de degenerescência, porque o conceito de velhice circulado sempre foi o da

degradação física e mental, muitas vezes alcançando o grau de decrepitude e senescência, porque a definição de sujeito velho sempre foi vinculada ao etarismo. O trecho que segue exhibe o modo como a protagonista encara a sua condição lesbiana em um corpo velho que vive o relacionamento afetivo e erótico.

Sabe [...] Hoje me sinto muito flexível, disposta a pôr o corpo em curva para evitar atrito. E a Augusta também ajuda muito [...] Erguemos em conjunto essa relação [...] Já meio tarde na vida vem para mim essa surpresa, essa espécie de recompensa! [...] Bom, o fato é que estamos juntas, temos prazer juntas. E hoje, nove anos depois [...] Nós não nos separamos. Eu coleciono orgasmos, além de espasmos de riso frouxo. E agora sou eu quem prepara, somando as migalhas do que ganho, para comemorar os cinquenta anos da mulher que amo. (Mesquita, 1998, p. 24).

Dez anos mais velha que a sua companheira de vida, a protagonista a conheceu quando estava com cinquenta. No momento da narração, já é uma sexagenária comemorando o aniversário de Augusta. Narra-se uma década de vivência em que o casal não briga, uma ajuda a outra, ambas evitam os atritos, porque ela, a protagonista, se tornou mais flexível em sua mundividência, conforme afirma no excerto. A experiência passa a ser de prazer juntas, colecionando “orgasmos, espasmos de riso frouxo”. O corpo velho da protagonista lésbica passa a ser tratado de modo mais humano quando da maturidade da personagem, demonstrando um compromisso da escritora em tornar afirmativa a visão de mulheres lésbicas na escrita literária. Longe de circunscrever sujeitos dissidentes sexuais em debates de preconceito e discriminação, Fátima Mesquita opta por evidenciar uma vida tranquila do casal em foco. Escolhe não dar detalhes do processo de maturidade delas, mas deixa claro que o corpo de desejo, mesmo na velhice, é vivido.

A velhice lésbica encontra um lugar sutil de destaque em Fátima Mesquita, fato que não ocorre em Conceição Evaristo, no conto “Isaltina Campo Belo” (2020), em “Marília acorda” (2015), de Natália Borges Poleto e em “Domingas e a cunhada” (2010), de Cidinha da Silva. No caso de Conceição Evaristo, existe toda uma discursividade no contexto social e cultural do entorno da escritora que a coloca numa posição do feminismo negro e lésbico, antes subalternizado e, agora, conduzido para discussões centrais. Mas o conto, bem representativo da escrita sobre o tema em pauta, torna invisível as personagens no enredo. Em “Isaltina Campo Belo” tem-se uma história que, assim como outras da mesma autora, insere-se num projeto

particular de escrita, que ela denominou de *escrevivência*¹, através do qual coletou relatos de mulheres negras para transformar em narrativas literárias, debatendo questões de identidade e negritude, problematizando aspectos de gênero, raça e idade.

O referido conto apresenta uma mulher negra, lésbica e idosa. Inicialmente, há uma introdução feita pela narradora que, em seguida, cede espaço de fala a uma narração em primeira pessoa conduzida pela protagonista Isaltina Campo Belo:

Campo Belo, como gostava de ser chamada, entre outros detalhes, tinha uma idade indefinida a meu ver [...] os seus cabelos curtos, à moda *black power*, estavam, profundamente, marcados por chumaços brancos, denunciando que sua juventude já tinha ficado há um bom tempo para trás (Evaristo, 2020, p. 55-56).

Inicialmente, tanto aqui quanto no conto anterior, *Encanto* (1998), a velhice não surge narrada em sua experiência diária em processo, mas como um flagra, rememorando o passado. A velhice, por assim dizer, segue o transcurso do tempo para as protagonistas de maneira um tanto muda, surda, cega, sem uma narrativa em um contínuo. Há motivações, óbvio, pela escolha desse modo de narrar. Mas, talvez não se trate de uma visão política reivindicada ou necessária para a visibilidade lésbica. Nesse quesito, há, por parte das vozes que narram, ou da autora, uma espécie de sequestro do erotismo no processo de envelhecer (Schüller, 1989).

No Brasil, Mott (1987) afirmou que se a sexualidade feminina foi reprimida ao longo da história, a mulher lesbiana foi marcada por ocupar um lugar de maior exclusão. Concordamos com esta observação e com a afirmação de Navarro-Swain (2004), a de que houve um silenciamento histórico em relação a este tipo de relação entre mulheres. Mott (1987) registra que, a partir de 1646, a Igreja Católica deixou de condenar a sodomia feminina, apesar de que, na primeira visita do Santo Ofício ao Brasil, entre 1591 e 1595, segundo Bellini (1989), diversas mulheres foram indiciadas por sodomia.

No caso de “Marília acorda”, a visão da personagem lésbica velha é configurada como pessoa distante do desejo, evidenciando unicamente o fator etário e desconsidera a vivência erótica do corpo em favor dos cuidados do mesmo. Não há uma particularização do corpo visibilizado, mas uma retórica universal que entende os agenciamentos corporais tabulados uniformemente. Em culturas preconceituosas como a brasileira, faz diferença saber como vivem as pessoas e personagens LGBTQs e velhas, porque não há como dispor de uma política pública,

¹ Este conceito/projeto/procedimento de escrita literária, formado pelo processo de aglutinação das palavras *escrever* + *vivência*, manifestará, segundo a própria Conceição Evaristo, sua visão de mundo, a partir de suas experiências pessoais e de outras mulheres negras, inseridas num lugar de enunciação.

por exemplo, em que caiba apenas o corpo generificado no padrão masculino e feminino heterossexual. A depender do modo como as pessoas vivem o sexo e as sexualidades, o tratamento tanto político quanto médico e legal é considerado em suas singularidades. As lésbicas do conto “Marília acorda” plasmam na narrativa apenas para o leitor perceber um casal de velhas que se encontram na maturidade avançada, uma a depender da ajuda da outra, apenas isso. A velhice, nesse sentido, é esteticamente humanizada de maneira universal, não particular, como não pertencendo a uma velhice diferente: “Marília senta na cama sem a bandeja [...] Pergunto o que ela tem. Ela me diz que está esquecida. Eu replico que estamos. Ela me olha triste e diz que fez o café sem o pó e queimou os pães na torradeira Ela me diz que está velha e esquecida. Eu digo que somos velhas esquecidas [...]” (Polesso, 2015, p. 133).

Esse é um dos cenários em que Natália Polesso ambienta o casal de mulheres lesbianas. Nele, a escritora opta por uma estética narrativa que prioriza o lado humanista e universal da pessoa velha, em detrimento de uma visão mais politizada que problematize o estilo de vida de mulheres na relação com o desejo erótico. De fato, parece haver um sequestro dessa discussão. Se no contexto da realidade empírica é esse silenciamento que vigora, ainda, sobre as pessoas LGBTQs quando velhas; textos literários como os em pauta parecem reiterar esse apagamento ou manter o padrão da invisibilidade dessas mulheres. Vergonha, medo, ranço de uma educação pautada na degradação de mulheres que assumiram uma sexualidade não padrão? O mesmo caso acontece no conto de Cidinha da Silva, “Domingas e a cunhada” (2010).

O conto orbita em torno da relação lésbica construída entre Domingas e a sua cunhada Arminda, depois que o irmão daquela abandonou a casa e a esposa para ir se juntar a um bando de cangaceiros. Arminda, ao sair pelo mundo, em seus dezesseis anos, em busca do marido, não o encontrou, mas acabou por se deparar com Domingas, aos dezenove anos, momento em que se estabeleceu uma relação de afeto entre ambas até à velhice. O texto, apesar de bem curto, descreve um relacionamento iniciado na juventude, adolescência de ambas as personagens, e toda a lógica do texto é bastante clara quanto ao fato de que “elas dormem juntas e isso é público, mas aí de quem as declarar amantes” (Silva, p. 45). Este trecho inicial já revela a vivência do casal que se confirma quando o narrador descreve que a cunhada saíra de “Serra Talhada atrás do marido que julgou estar com a cunhada Domingas. Como não o encontrou passaram a viver juntas” (Silva, 2010, p. 45).

A dinâmica do conto em pauta revela um esvaziamento de discursividade em torno da experiência de corpos de mulheres velhas que vivem a relação entre iguais. Esse esvaziamento

constatado parece tratar ou de uma timidez para enfrentar o tema em uma sociedade ainda restrita às experiências dissidentes relacionadas ao masculino, ou a performance das personagens dos contos até então tratados aqui relaciona-se a questões gestadas no poder de falar sobre as lesbianidades sem que o teor afetivo-sexual fosse a primeira imagem a ser considerada. Uma metáfora, quem sabe, para falar sobre relacionamentos de personagens velhas e lésbicas sem que a categoria sexo e corpo de desejo fosse ponto imprescindível.

O que frustra o leitor é o fato das escritoras serem conhecidas como defensoras de práticas de afeto e sexo entre mulheres, todavia o discurso presente nos textos que elas escrevem tornam essa imagem apagada, invisibilizando politicamente, em nossa visão, aquilo que deveria ser motivo de reflexão. No trecho, as personagens estão à revelia do que acontece no mundo social em que vivem, como apagadas ou escondidas de uma vida social que é comum às pessoas de sexualidades dissidentes: “Vida social as duas não tinham. Só a ex-freira holandesa visitava-as com frequência. A freira morava com uma amiga e mudava de amiga de vez em quando. O povo maldava a amizade delas” (Silva, 2010, p. 45-46). Chegam à velhice e são, na visão das escritoras, tabuladas numa mesma régua, a régua comum que aloca cada sujeito numa perspectiva etária sem que as singularidades possam ser discutidas, problematizadas. Isso é prejuízo cultural para quem lê e não consegue refletir a questão à luz de uma imagem mais elaborada sobre o tema.

4 Personagens travestis e transexuais: relações de ausência, presença e resistência

Embora alguns teóricos, como Alós (2021), afirmem que a presença de travestis e transexuais como objeto de representação literária possua uma história relativamente longa na literatura brasileira, preferimos nos orientar pelo ponto de vista de Fernandes (2016). O estudioso afirma que a proporção desses personagens, em textos literários, é bem exígua, se comparada a de outros tipos humanos. Acreditamos que a reduzida ocorrência desses sujeitos em narrativas nacionais esteja associada ao contexto da patologia, perversão e abjeção, ao qual sempre estiveram relacionados. Ao mesmo tempo que lançamos essa hipótese, caberia, em outro contexto, de ordem mais geral, expandir o debate e investigar se na América Latina a configuração desses tipos de personagens também encontra restrição nas representações literárias.

Consequentemente, notamos também que “os estudos sobre personagens travestis na literatura brasileira são ainda muito recentes, mas já estruturam importantes e incômodas relações entre sociedade, literatura e campo literário” (Franco, Vale & Soares, 2018, p.94), como também pensam Fernandes & Schneider (2017). Em ambos os estudos há uma preocupação política em tornar visível uma estética travesti e transgênero, focalizando lugares de poder e de voz às personagens que historicamente, no corpo social, ainda encontram barreiras para ocupar espaços hegemonicamente masculinos e heteronormativos. Dalcastagnè (2012) chama a atenção para um mapa de ausências em relação às representações literárias de sujeitos que foram ou ainda são silenciados nas diversas formas de narrativas brasileiras contemporâneas. De acordo com ela, “a literatura é um artefato humano e [...] participa de jogos de força dentro da sociedade. Essa invisibilização e esse silenciamento são politicamente relevantes, além de serem uma indicação do caráter excludente de nossa sociedade, e, dentro dela, de nosso campo literário (Dalcastagnè, 2012, p. 149).

A discussão desse tópico, comparando-o com o anterior, em que representações lesbianas foram o foco do debate, centra-se em três contos elaborados por autores que não só configuraram a relação das personagens com a vivência travesti, transgênero, corpo e desejo na velhice, como também são sujeitos cujas subjetividades não são normatizadas no sistema heteronormativo compulsório. Trata-se dos contos “Amor Grego” (1977), de Aguinaldo Silva (homem gay); “Silva e a Puta” (2019), de João W. Nery (homem trans); e “O Condomínio do Ser” (2022), de Atena Beauvoir (homem travesti). Neles, a dinâmica representacional dos personagens, protagonistas ou secundários, ora estão presentes, ora ausentes e, em outros, resistentes.

O conto “Amor Grego” (1977) centra-se no relacionamento afetivo de Lina Lee com Cristo Xantopoulos, um marinheiro grego que aportara na zona portuária e boêmia do Recife Antigo, espaço onde ela trabalhava como prostituta de rua e cantora do Cabaré Chantecler. Mas é a personagem secundária que assume uma importância primordial para o desenlace da história central: Ótima (o nome dela), uma travesti de idade avançada e dona da pensão onde Lina Lee morava: “Ninguém mais prestava atenção à Ótima que dizia ter oitenta e nove anos, mas na verdade contava pelo menos cento e vinte e era, com certeza, a bicha mais velha da zona” (Silva, 1977, p. 13). A cena mais impressionante do conto é a que segue, depois que a personagem trans, Ótima, quase nonagenária, reflete negativamente sobre a sua velhice e, como assumiu Lina Lee como uma espécie de filha, assim a enreda em seu plano:

Pulamos da cama ao mesmo tempo e eu me precipitei até a porta. Ela estava fechada por fora. Ótima, gritei e repeti o nome do velho! Ótima, o que está acontecendo? [...] – A porta está fechada. Eu a fechei [...] porque tudo deve terminar assim.

– Ótima, foi pra isso que você me emprestou o quarto?

– Escute, Lina! Você quer sair daí, tem certeza disso? Depois de tudo que lhe aconteceu aí dentro você quer voltar a ver a luz do dia? [...] Lembra como era sua vida antes do intervalo desta noite! Sabe como será depois? Você quer viver quinhentos anos, como eu, a esperar sempre, a farejar o ar em busca das coisas a que não tem direito, até ficar como eu? É isso que você pretende? [...] É importante ficar aí dentro e queimar até o fim. Porque, então, você terá apenas esta noite e nada mais virá depois para diminuí-la (Silva, 1977, p. 38-39).

Ao decidir unilateralmente matar a si e o casal (Lina Lee e Cristo Xantopoulos), incendiando a pensão (“porque tudo deve terminar assim”), nota-se a personagem ampliar sua voz na narrativa (voz que até então fora sequestrada pela narradora) e comunicar sua mundividência, extremamente negativa sobre o envelhecer da travestilidade (“viver quinhentos anos”). As construções frasais dela reforçam a degradação, a frustração, a angústia e a continuidade da não validação de existência travesti na velhice (“esperar sempre”, “farejar o ar”, “não tem direito” e “ficar como eu?”). No trecho dado, o envelhecer é evocado pela idosa em um aspecto bem dramático, ganhando projeção e densidade no desenlace narrativo.

Além disso, nota-se a personagem transidosa instaurar uma forte tensão dramática, ao promover uma morte violenta e impactante para todos, especificamente para si e para Lina, sujeitos vinculados a uma constante abjeção social, causada por aquilo que “perturba a identidade, o sistema e a ordem e que não respeita as fronteiras, as posições e regras, por ser ambíguo e múltiplo” (Kristeva, 1982, p.4). Por outro lado, a intenção de Ótima também pode ter sido nobre e pautada no seu sentimento de “maternidade”, com fins de evitar um sofrimento maior para Lina, eternizando o momento de felicidade de sua “filha” e impedindo-a de vivenciar, como ela, a dor de envelhecer na travestilidade, visto que “as travestis idosas sofrem uma dupla estigmatização: a de estar envelhecendo e a de estar envelhecendo como travesti (Antunes, 2013, p. 24).

No conto “Condomínio do Ser” (2022) encontramos um enredo relativamente simples centrado numa personagem travesti e idosa de 59 anos chamada Estella, que “conhecera um rapaz novo. Dezoitão no rosto, pele lisa e perfumada com aroma masculino [...] jogador de futebol nas quadras do bairro. Sem ensino médio completo sua satisfação era ter seu pau acima da média e um libidinoso sorriso juvenil [...] Ricardo” (Beauvoir, 2022, p. 106). A experiência de

vida e sexo da personagem já quase sexagenária é centrada na ideia de monetizar um garoto que o tem como companhia, desde que ele atendesse às necessidades dela. Trata-se de um modelo de acompanhante que circula entre as pessoas do mesmo círculo identitário e de subjetividade, conforme afirma o estudioso: “Devem proceder em geral das camadas mais baixas da população. Costumam ser homens jovens, com compleição física avantajada e considerados bonitos e/ou atraentes (Benedetti, 2005, p. 119-121).”

O modelo de “marido” para personagens transidosas como Estella precisam “viver uma masculinidade estereotipada. Isto pode significar, por exemplo, ser violento ou ter histórico de vivência de situações violentas. Muitos são pequenos contraventores, alguns até com passagens pelos presídios [...] é comum que eles sejam sustentados, materialmente, pelas travestis” (Benedetti, 2005, p. 122). Esse padrão de macho requerido quase unanimemente por travestis e transgêneros reitera uma questão cultural sobre a qual incidimos neste artigo: a imagem que sujeitos dissidentes sexuais e de gênero têm quando chegam à maturidade ou, mais precisamente, à velhice, parecem só encontrar rotas de fuga para a sua felicidade nas escolhas feitas por homens de corpos viris e muito jovens em idade. Como não podem concorrer com o padrão da juventude e cooptar para si sujeitos e corpos jovens que se atraíam por sujeitos travestis e transgêneros velhos, a monetização (Nascimento, 2020) do outro é o caminho mais fácil para esta felicidade. A velhice travesti e trans, aqui, parece funcionar nessa dinâmica existencial.

Em “Silva e a puta”, extraído do livro *Velhice transviada* (Nery, 2019), tem-se uma narração que exhibe o sujeito transmasculino, Silva, no auge dos seus sessenta anos de idade, contratando uma garota de programa para poder realizar o desejo de viver de modo menos pressionado e tenso uma relação sexual sem ser com uma mulher que soubesse de sua condição trans: “Queria transar com uma mulher cis sem ser descoberto como um trans. Sua transição foi tardia, aos 48 anos” (Nery, 2019, p. 98). Isso porque é comum aos homens trans, nos relacionamentos afetivos e amorosos, ou mesmo unicamente sexuais, ter de confessar o estado anatômico-corporal para evitar surpresa e rejeição por parte da outra pessoa envolvida.

A experiência de vida do sujeito trans no conto em tela demonstra um desconforto em relação ao corpo, sobretudo no momento em que precisa performar o gênero para o qual transitou – no caso de Silva, para o masculino. Isso implica, nos moldes mais conservadores, ter um pênis que satisfaça a pessoa objeto de seu desejo. Se fosse permitido à personagem comunicar o seu desejo enquanto sujeito de gênero, certamente afirmaria que “Queria ser

homem e não trans” (Nery, 2019, p. 98). O autoconhecimento da personagem é permeado de uma negativa visão da dinâmica psíquica e social que enxerga o sujeito transgênero. E toda uma reflexão mais profunda e, por que não dizer, mais pesada, se confirma quando do aniversário de sessenta anos da personagem. Ao contratar uma puta e, na hora do sexo, quando ela exige “bota o pau pra fora” (p. 98), o mundo de Silva parece desabar; o que era sólido, no dizer de Berman (1986), se desmancha no ar, causando uma profunda dor do não ter o corpo que se queria ter.

5 Velhices homoeróticas reparando danos, consolidando a subjetividade

O último tópico do artigo debruça-se sobre três contos: “Inimigo Comum” (1975), de Gasparino Damata; “72” (2005), de Moa Sipriano; “O perfume de Olavo” (2019), de Vagner Amaro. Como vimos fazendo o trabalho de crítica literária e de gênero, não nos estenderemos sobre as narrativas dadas, porque as tomamos como figurações discursivas que exibem modos de pensar as personagens LGBTs na literatura, sobretudo as homoeróticas. Ver-se-á que dentre as subjetividades LGBTs, os homens gays sobrevivem às durezas da vida de modo mais tranquilo do que as outras subjetividades, e a resposta para isso talvez seja encontrada no fato de historicamente as relações de encontros, afetos, sexo e permissividade entre os homens tenha ajudado a consolidar essa identidade. Desde a Grécia Antiga, com a prática da pederastia, e antes mesmo dela, os registros escritos sempre expuseram, mesmo que metaforicamente, relações de desejo entre os homens.

“Inimigo Comum” integra a coletânea *Os Solteirões* (1975) e tem como enredo o encontro entre um sujeito homossexual “de sessenta anos ou mais” (Damata, 1975, p. 51) com um jovem prostituto (michê) na praça da Cinelândia. Na trama, apenas um dos personagens centrais do enlace monetizável é nomeado, Otávio; já o sexagenário é referido unicamente como o velho. Em outros momentos, Otávio é referido pelo atributo “jovem”, e não pelo nome. A tensão estabelecida pelo conto tem seu clímax quando Otávio afirma estar apaixonado por uma garota e o velho, em sua versão misógina, emite uma fala devastadora sobre as mulheres, considerando que mesmo quando os jovens gostam delas, é com o dinheiro deles, dos mais velhos, que as sustentam. Isso porque, de acordo com Nascimento (2020), a maior parte dos sujeitos velhos

sobrevive tranquilamente de relacionamentos monetizáveis, ou seja, encontram rapazes bem jovens para si, mas pagam pelo tratamento de marido dado a eles.

A visão pode ser tanto afirmativa quanto negadora, do ponto de vista da existência do sujeito. Parece ser afirmativa, por um lado, porque o homem gay consegue ludibriar a velhice com o campo do desejo ativo. Se era prática comum nos idos de 1970, hoje, com a onda de recomendação sem prescrição médica de Tadalafila, Cialis, Viagra ou Citrato de Sildenafil, a vida erótica e sexual do velho, independentemente de ser gay ou heterossexual, tem um avanço, é renovada e reterritorializada neste sentido. Não há perda significativa para o velho gay, porque mesmo na ausência de uma companhia fixa, de um casamento ou relacionamento estável, vive com os garotos que se dispõem a dar a eles momentos de prazer e gozo como companhias fixas.

O lado mais obscuro ou não afirmativo desse tipo de relacionamento apresentado por Damata é o fato de que parece que só quem pode se beneficiar de uma homossexualidade velha digna, no que diz respeito à manutenção do prazer sexual, do uso do corpo do outro para a felicidade libidinal é o homem gay velho endinheirado. Manter um jovem como amante, marido ou outro termo que diga da relação que se estabelece não é uma operação financeiramente barata; pelo contrário, exige muito recurso financeiro, porque os jovens disponíveis para esses fins recebem de outras pessoas propostas diversas. Nisso, avaliam, julgam a que melhor lhes convém. Para ter um rapaz apenas para si, sem divisão com outro homem gay velho, é necessário cobrir a oferta, como se diz no mercado varejista. Apesar de monetizável, a estabilidade psíquica do velho, quem sabe derivada da estabilidade financeira e da construção de si como sujeito de desejo, é encontrada em outras narrativas de igual teor.

No conto “72” (alusão direta à idade do protagonista da narrativa), do *cyber* autor Moa Sipriano, extraído da coletânea virtual publicada em seu site em 2022, tem-se uma representação afirmativa de um homem velho gay na idade de setenta e dois anos que decide sair do armário (Sedgwick, 1985), assumir sua sexualidade e o amor deixado no passado, reencontrado no presente da narração, depois de toda uma vida em prol da construção de uma família tradicional. A narrativa proporciona o reencontro dos dois, já velhos, porque toda a experiência foi vivida dentro do armário. Dessa forma, o septuagenário a que se refere o título do conto toma coragem e abre a porta do *closet* em que se escondia, mostrando uma estratégia de saída como linha de fuga a seu favor, desterritorializando a sua experiência de vida até então, reterritorializando-se na geografia do seu corpo, do seu afeto, da sua relação com o outro,

borrando a paisagem heterossexual em que viveu. A estória do casal cai na etiqueta problematizada por Goldenberg (2020), que coloca a bela velhice feliz como uma invenção.

Já Vagner Amaro, no livro *Eles* (2019), aborda a personagem gay velha situada também no campo do desejo, a partir de do conto selecionado – “O perfume de Olavo”–, e não se distancia da configuração presente nos outros contos. Parece haver um padrão de configuração LGBT na literatura que aproxima as narrativas quanto ao modo de situar os sujeitos de desejo. No conto, a estória se centra na imagem de um casal de idosos homoeróticos aposentados, Olavo e Jaime, que tentam conviver socialmente com as pessoas do seu entorno. Quando procuram traçar uma linha de fuga que busca a integração e aceitação da relação amorosa do casal no seio social, a presença dos dois provoca um crime de homofobia e são mortos publicamente, como no conto “Terça-feira gorda” (1995), de Caio Fernando Abreu.

O modo do casal atuar no conto exhibe uma sociedade ainda retrátil às experiências gays durante a velhice. Não apenas gay, em se tratando do texto em comento: os personagens viveram toda uma experiência de vida em lares onde constituíram famílias nucleares. Apenas na velhice decidem assumir o relacionamento gay iniciado na juventude. A configuração narrativa mostra uma negação e punição de sujeitos velhos que assumem o erotismo ou o amor nessa fase da vida. Dessa forma, mesmo interpretando de maneira panorâmica, podemos afirmar que a população LGBT tem vivido sua existência na literatura brasileira contemporânea, provocando debates políticos e aprendizados pela e para a diversidade.

Considerações finais

A investigação das velhices LGBTs em contos da literatura brasileira contemporânea tem mostrado aspectos que precisam ser considerados, devido a relevância que o processo de envelhecimento e do etarismo adquirem hoje. Como se trata de uma fase de vida que é sentido de modo bastante diferente por pessoas, estratos sociais e políticas públicas, parece haver uma urgência em compreender como a literatura configura esse tema associado a personagens que vivem a experiência da senescência diante do corpo de desejo. É óbvio que as políticas públicas empregam uma espécie de tabulação padronizada para refletir a qualidade de vida das pessoas maduras. Sabemos que diante das vivências e mudanças corporais, uma mulher transgênero necessita consultar-se com um urologista, assim como um homem transgênero exige uma

consulta com um médico ginecologista. Estamos falando de um dado simples, mas que corresponde a uma realidade vital, sobretudo quando as pessoas dessas subjetividades chegam à velhice e as questões próprias da geriatria ficam embaçadas, rasuradas diante de vivências como as duas aqui citadas.

As subjetividades LGBTs velhas, nos contos estudados, dão mostras de que há um desequilíbrio tanto na representatividade (questão numérica) quanto no teor qualitativo do discurso sobre velhice e modos de envelhecer, visto que o leitor não encontrará com facilidade contos que narrem vivências lesbianas, travestis e transgênero, se comparados aos que narram histórias cotidianas que envolvam personagens homoeróticas velhas e experienciando plenamente o corpo erotizado. Como os estudiosos já apontaram, devido à presença histórica do corpo masculino em contato com corpos masculinos ser um fato, ao longo do tempo as escritas literárias tiveram a chance de ir consolidando a visão dos iguais masculinos no campo do desejo. Hoje, além do desejo, entra em cena a personagem envelhecendo e/ou velha.

Desse modo, ao passar em revista parte de contos contemporâneos que abordam a personagem LGBT velha e erótica, vê-se que esse campo discursivo não é tão pacífico como, talvez, os nichos leitores assim o quisessem. No tangente às representações lesbianas, fica-nos a impressão, dadas as investidas críticas já anunciadas, que mesmo Fátima Mesquita traduzindo uma visão construtiva do amadurecimento da personagem, no todo, as personagens de Natália Poleso, Conceição Evaristo e Cidinha da Silva são dispostas nos enredos como sujeitos que vivem uma velhice comum, tabuladas no todo heteronormativo, sem a singularidade lésbica que caracterizaria a subjetividade. A velhice delas é projetada como humana, escondida, distante dos acontecimentos da vida e o corpo, esse, parece não ter vida, mas apenas precisar de cuidados como toda pessoa que envelhece e apresenta quadros físicos e mentais com déficits.

A timidez ou a não coragem de enfrentar o tema, por diversas razões, talvez seja comum às escritas latino-americanas que entabularam discussões em torno das velhices lésbicas na literatura. São subjetividades de difícil representação, por enquanto, e de pouca profundidade, porque elas ainda estão sendo projetadas, estão no escopo discursivo daquilo que inicia sendo produzido e se adianta como padrão de discussão ou de agenciamento no plano literário ou ficcional. São poucas as representações. Mas o acesso à discussão de maneira mais livre acontece, sim, quando lemos as personagens transgênero e travesti. Meio doentias, com um discurso de vitimização social, sim, mas surgem falando, discursando, pressionando o leitor para que entenda o sujeito em questão.

Quando a questão é o homem gay ou a personagem homoerótica, parece haver uma fluidez no enredo, na construção da estória, na representação afirmativa, no discurso de tolerância sobre os sujeitos que, mesmo velhos, e já bem velhos para a realidade brasileira (setenta, oitenta anos), vivem o prazer físico ou sexual a partir da lógica da monetização (Nascimento, 2020). Não que essa prática seja exclusiva de homens gays e velhos, no universo do *job* que as sociedades apresentam hoje. Mas a rota de fuga encontrada pelas personagens gays e velhas é se projetar como sujeitos sem problemas de saúde e vivendo relacionamentos afetivos e sexuais duradouros pagos. As personagens gays não sofrem, não enfrentam dificuldade, não emanam trauma ou vergonha em viver esse estilo de vida. Gostam da virilidade, da beleza, da força, da estupidez juvenil e pagam para terem acesso a esse prazer, fato que sem a monetização, considerando os parâmetros de beleza e de feiura discutidos por Eco (2004; 2007), não seria possível, porque a noção de belo se projeta no corpo jovem e viril; já a feiura estaria para o corpo velho e decrépito.

Gasparino da Mata e Moa Sipriano elegem um discurso afirmativo para suas personagens LGBT e velhas. Dão a elas uma dignidade sexual e de desejo que não é comum de se ouvir no cotidiano de sociedades latino-americanas como a brasileira: a de que é possível viver a velhice não binária sem perder o contato com o campo do desejo, do prazer sexual, mesmo que para isso a monetização seja a válvula propulsora desse tipo de relacionamento. São personagens que têm uma estabilidade econômica, aposentados de carreira bem remunerada; logo, podem pagar o preço da maridagem entre sujeitos iguais, sendo um velho e um jovem. Essa é a tônica dos contos sobre os quais nos debruçamos. Esse é o perfil de representação ou configuração da velhice LGBT em contos da literatura nacional contemporânea. Os modos de abordar o assunto dizem muito do que entendemos socialmente por velhice singular e velhice universal. A discussão pretende motivar outros debates em favor de investigações profundas sobre como as velhices LGBTs são enredadas na literatura latino-americana.

CRediT
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

SILVA, Antonio de Pádua Dias da.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

HOLANDA, Hélder de Araújo

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ALÓS, Anselmo Peres. Transitoriedades, transgeneridades, transidentidades: representação de autoria trans na narrativa brasileira. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v.23, n.44, p.9-23, 2021.disponível em: <https://www.scielo.br/j/rblc/a/yyGmYQyR7JqBhxszyX5DrC/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10 de novembro de 2025.
- AMARO, Vagner. *Eles* (contos). Rio de Janeiro: Editora Malê, 2019.
- ANTUNES, Pedro Paulo Samarco. *Travestis envelhecem?* São Paulo: PUC Editora, 2013.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1981.
- BEAUVOIR, Atena. *Contos transantropológicos: a segunda humanidade*. Porto Alegre: Editora Nemesys, 2022.
- BELLINI, Ligia. *A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *A literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- DAMATA, Gasparino. *Os solteirões*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1975.
- ECO, Umberto. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ECO, Umberto. *História da feiura*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. *O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX*. São Paulo. Editora Scortecci, 2016.

FERNANDES; Carlos Eduardo Albuquerque. SCHNEIDER, Liane. *Personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: uma leitura sobre corpo e resistência*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

FRANCO, Adenize Aparecida; VALE, Rosiney Aparecida Lopes do; SOARES, Luiz Henrique Moreira. Um beijo na boca maldita: configurações da personagem travesti no romance brasileiro contemporâneo (1970-2015). *REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS*, [S. l.], v. 2, n. 19, p. 88–116, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/REV/article/view/2384/pdf>. Acesso em 05 de dezembro de 2025.

GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

GOLDFARB, Delia Catullo. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Edições Casa do psicólogo, 1998.

HOLANDA, Hélder de Araújo. *Além do arco-íris de Senectus: das representações de velhices LGBTs e dos seus devires em contos da literatura brasileira contemporânea*. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade), Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, 2025.

KRISTEVA, Júlia. *Powers of Horror: an essay on abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

MESQUITA, Fátima. *Julieta e Julieta*. São Paulo: Editora Summus, 1998.

MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1987.

NASCIMENTO, Dorinaldo dos Santos. Corpo-prostituto em carreira e relações homoeróticas. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 61, p. 618, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/HdYHZqD8K6XSqLtMbCtB88B/abstract/?lang=pt>. Acesso em 12 de dezembro de 2025.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. *O que é lesbianismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

NERY, João W. *Velhice Transviada*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2019.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.) *Velhice ou Terceira Idade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 69-84.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. *Revista Iberoamericana*, v. 65, n. 187, p. 405-421, 1999. Disponível em: <https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/pdf/10.5195/reviberoamer.1999.6082>. Acesso em 15 de dezembro de 2025.

POLESSO, Natália Borges. *Amora*. Porto Alegre: Não Editora, 2015.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Revista Bagoas*, v. 4, n.5, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em 01 de novembro de 2025.

SCHÜLLER, Donaldo. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 1989.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. *Além da Idade da Razão: longevidade e saber na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*. Nova York: Columbia University Press, 1985.

SILVA, Aguinaldo. Amor Grego. In: SILVA et al. (Orgs.). *Vida Cachorra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.

SILVA, Cidinha da. *Cada tridente em seu lugar (contos)*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

SIPRIANO, Moa. 72 (Conto). Disponível em: www.moasterio.com. Acesso em 10 de novembro de 2025.